

## O CONFRONTO DOS LUGARES NO IMAGINÁRIO DO MIGRANTE-DEKASSEGUI<sup>1</sup>

Ricardo Hirata Ferreira<sup>2</sup>

Profa. Dra. Liliana Bueno dos Reis Garcia (orientadora)<sup>3</sup>

*“Em determinados momentos de minha vida eu prefiro o Brasil, mas eu morando no Brasil, meu pensamento esta sempre no Japão. Eu seria capaz de morar no Japão. Mas eu fico muito dividido...”* Tiago, 28 anos (In: O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 139)

*“Foi muito difícil porque fui sozinha, deixei para trás, meu marido, minhas filhas e meu neto. Só chorava de saudade... Não gosto nem de lembrar. Quanto mais tempo você fica e quanto mais o tempo passa, mais se tem saudade. Eu chorei desde o dia em que cheguei ao Japão até o dia em que eu vim embora. Em todo o tempo eu sonhava com dia de ir embora...”* Elis, 44 anos (In: O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 126)

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo desenvolver uma discussão sobre o confronto dos lugares que ocorre no imaginário do dekassegui, um migrante que se encontra dividido entre Brasil e Japão. Como este confronto determina a vontade e o ato de migrar, permanecer e retornar. Partimos do pressuposto que diante deste confronto dos lugares no seu imaginário e da realidade vivi-

---

1 Este texto foi pensado a partir das discussões realizadas no Grupo de Estudos da Profa. Dra. Teresa Sales, IFCH/UNICAMP, 1999. Financiamento da FAPESP.

2 Mestrando do curso de Pós Graduação em Geografia, Área de Concentração em Organização do Espaço, IGCE/UNESP- Rio Claro.

3 Professora do Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento- IGCE/UNESP- Rio Claro.



da, o dekassegui passa por um processo de adaptação e/ou identificação com o lugar receptor (Japão), e estranhamento e/ou reafirmação do seu lugar de origem (Brasil) dentro da sociedade japonesa. Este fato por sua vez vem redefinindo suas expectativas a respeito de continuar sendo migrante entre os dois lugares ao mesmo tempo.

## 1 O ESTUDO DO DEKASSEGUI ENTRE OS LUGARES

Carlos Vainer (1999) nos apresenta em princípio dois caminhos sobre o método nos estudos de migração: o individualismo e o estruturalismo. O modelo neoclássico, esta ao lado da liberdade do trabalhador, o possuidor de um certo capital humano. Este desloca-se em diferentes espaços, analisando perdas e ganhos em cada lugar, decidindo assim sua localização. Se locomove em busca do máximo de ganhos. O deslocamento é assim resultado dos cálculos entre ganhos e perdas, se deve ou não se deslocar. Este é um modelo fundado no equilíbrio, pois a liberdade, o cálculo, o desequilíbrio e a desigualdade dos espaços, tendem a promover uma situação de equilíbrio e homogeneização. Na verdade as localizações acabam sendo uma oferta de mercado, e o trabalhador é um consumidor que busca a sua localização de acordo com os seus interesses. As empresas ou o capital visa maximizar suas vantagens de lucros, e o trabalhador ou o capital humano busca valorizar e melhorar sua condição de vida. Ambos tomam decisões para as localizações. O fato é que cada indivíduo livre pode exercitar sua mobilidade no espaço econômico livre.

Por sua vez no modelo estrutural, o indivíduo não faz escolhas. A escolha do indivíduo não é determinante. O movimento de localização é dominado pela lógica do capital. O trabalhador é livre se comparado ao escravo, ele pode tomar a decisão de onde localizar-se. Mas esta falta de raízes mostra que ele se desloca em função de um lógica e de uma sociedade capitalista. É apenas o capital que detém liberdade. Os movimentos ocorrem em função do capital. É como se a estrutura reinasse, e o indivíduo quase fosse inexistente, sobrejulgado pela estrutura. A necessidade estrutural determinando a necessidade individual. O indivíduo internalizou a necessidade do capital. Assim acaba tornando-se um portador da lógica da estrutura, colocando-se como sujeito ao capital.

Sobre estes modelos Vainer (1999) afirma que é fato que o deslocamento é feito no espaço econômico. As motivações individuais para migrar estão de acordo com um território determinado pela razão econômica, mas na contemporaneidade por volta de dez milhões de pessoas são deslocadas para

desenvolvimento de projetos, expulsas por conflitos étnicos, exílios, etc. Muitos deslocamentos com a presença da violência em nome do progresso e da limpeza étnica e social. Neste caso os indivíduos não fazem seus cálculos econômicos, são simplesmente postos para fora. Um outro ato de violência ocorre quando grande quantidade de migrantes tentam cruzar as fronteiras dos países pobres para os países ricos, o melhor exemplo são os mexicanos na fronteira dos EUA. Na verdade apesar de vivermos num espaço econômico, estes comportamentos são ditados pelos Estados Nacionais, hoje muitos países possuem ou desenvolvem políticas para controlar e conter as migrações. O espaço é mundializado para o capital mas não para os “cidadãos” de terceira categoria. Existe o direito de circular, mas somente alguns podem utilizar-se deste direito de liberdade, outros não. A migração é politizada e o espaço no qual se realiza o deslocamento é além de econômico também político.<sup>4</sup>

Neste estudo a preocupação é como o migrante dekassegui se coloca diante do confronto dos lugares no seu imaginário face as realidades vividas e percebidas. O enfoque principal é o indivíduo entre lugares (Brasil-Japão). Um indivíduo que atende e absorve a lógica capitalista na forma de consumidor e trabalhador, inclusive da cidadania, e que se desloca entre espaços que são ao mesmo tempo econômico, político e social de acordo com as concepções de Espaço, Tempo e Lugar desenvolvidas por Milton Santos. Entretanto o indivíduo aqui pensado, antes de mais nada é também um ser social, que pensa, sente, tem sonhos, desejos, sofre, submete-se, adapta-se e estabelece relações sociais de acordo com Teresa Sales, e no caso do migrante estes sentidos e ações se confrontam entre os lugares, e são estabelecidos nos lugares, de acordo com a concepção de Lugar desenvolvida por Ana Fani Alessandri Carlos, devendo serem levados em consideração na migração, não se esquecendo evidentemente das questões macro-estruturais.

## 2 O FENÔMENO DEKASSEGUI NA REALIDADE BRASILEIRA

É fato que o Brasil na sua colonização e estruturação da sociedade teve a presença marcante dos imigrantes. No fim do século passado e primeira metade deste século era de interesse dos grandes fazendeiros paulistas conjuntamente com o Estado importar trabalhadores para as lavouras de café, face

---

4 De acordo com as discussões e reflexões realizadas por Carlos Vainer (UFRJ) na sua Conferência de Abertura: Migração e mobilidade na crise contemporânea da modernização, do Simpósio Internacional de Migração: Nação, Lugar e Dinâmicas Territoriais, FFLCH/USP, São Paulo: 19 a 25 de abril de 1999.



a implementação do trabalho livre e expansão da demanda por esse produto no mercado internacional. O Estado brasileiro objetivava também incentivar o processo de colonização do seu território. Assim, dentre outros fluxos de imigrantes que para cá vieram, a partir de 1908 tem início a imigração japonesa para o Brasil. Até aproximadamente 1924 o Estado de São Paulo financia a vinda do imigrante japonês para trabalhar nas culturas do café, posteriormente o próprio Estado Japonês passa a financiar o fluxo de japoneses para o Brasil, numa nítida política imperialista, e de expansão do mercado. Era de interesse dos dois Estados Brasil e Japão que o imigrante permanecesse em definitivo no novo lugar, o projeto migratório estava fundamentado inclusive na família. Esse projeto firmado pelos dois Estados contrariava a vontade do imigrante que nutria no seu imaginário, o sonho de rápido enriquecimento e breve retorno a “terra natal”.<sup>5</sup>

Alguns conseguiram retornar ao Japão, outros aqui permaneceram principalmente após a Segunda Guerra Mundial, que deixou o Japão numa situação muito difícil. Os imigrantes japoneses passaram então a se integrar a nova pátria preservando valores e tradições da “terra natal”. Neste fim de século no entanto, seus filhos, netos e bisnetos estão fazendo o caminho inverso, tornando-se dekassegui: descendentes de japoneses nascidos no Brasil que migram ao Japão na condição de trabalhadores. Alguns sustentando o reencontro as origens, outros movidos muito mais pela busca do dinheiro e de nova perspectiva de vida não encontrada e não oferecida no seu país de origem, mas visualizada no país dos seus ancestrais.

O início do fluxo de kassegui para o Japão se estabelece na década de 80, conhecida como a “década perdida”, num Brasil mergulhado em crise e inflação. Se intensifica na primeira metade da década de 90, com os desastres e frustrações do governo Collor, e com a possibilidade de regularização de permanência do dekassegui em território japonês a trabalho. O fluxo perde um pouco sua expressão no governo Fernando Henrique Cardoso com a estabilização do Real e diante da crise japonesa, mas se mantém, muito mais nas idas e vindas do dekassegui entre Brasil e Japão. Todavia os problemas políticos, econômicos e sociais brasileiros não encontram solução com a reeleição deste governo, após alguns anos de falsa estabilidade econômica. Os problemas sociais persistem e sua maior expressão é o aumento do desemprego e da violência, motivos que influenciam a permanência do dekassegui no lugar receptor.

---

5 Arlinda Rocha Nogueira; Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil, 1984. Alice Yatyo Asari; “...E eu só queria voltar ao Japão”, 1992.

Segundo Singer (1999) os últimos anos foram sem dúvida, os piores, do ponto de vista econômico e social, do mandato de FHC, o crescimento econômico estagnou-se, o desemprego e a inadimplência bateram recordes. O Plano Real perdeu sua viabilidade a partir do momento em que os investidores externos deixaram de acreditar nas promessas do governo.<sup>6</sup> “Ainda ninguém se arriscou a calcular o aumento do desemprego que resultará da recessão, para não falar da quebra das empresas.”<sup>7</sup> É evidente que este cenário de crise, recessão e problemas sociais incentiva a ida e a permanência do migrante em outro país, que apresenta maior prosperidade.

Hoje vivem no Japão aproximadamente 175 mil brasileiros<sup>8</sup> constituídos de homens e mulheres de diferentes idades, profissões e nível escolar, muitos jovens, e o aparecimento da migração e constituição de famílias nesse novo lugar também já é um fato. Apesar do Estado Japonês não estar interessado na permanência em definitivo desses brasileiros em seu território, alguns já estabelecidos com a família, por vezes constituídas no próprio Japão, após seis ou sete anos de trabalho, estão lá permanecendo, comprando automóveis e até residências. Afirmam viver lá com mais segurança, estabilidade de emprego e de vida, não pretendendo mais voltar ao Brasil.<sup>9</sup>

Neste fim de século os Estados Nacionais, Brasil e Japão, não atuam mais diretamente no fluxo migratório. O Japão toma uma atitude de selecionar e controlar a entrada de imigrantes, uma vez que só é permitida a estadia regularizada do descendente de japonês no seu território. O Brasil, por sua vez, não toma posicionamento, sabe entretanto que por ano entram em seus cofres públicos 1,5 bilhão de dólares<sup>10</sup> para mais, enviado pelos dekassegus do Japão.

No Japão um setor ou um nicho de trabalho passa a absorver a mão de obra imigrante brasileira. São as pequenas e médias empresas de autopeças, alimentos e outros produtos que empregam estes imigrantes. Serviços desprezados pelos cidadãos locais. As pequenas e médias empresas subcontratadas de grandes empresas de capital (Sanyo, Toyota, Mitsubishi, etc. ou mesmo as grandes redes de supermercados) tem a necessidade de produzir a baixos custos com elevada qualidade para as grandes empresas de capital, podendo com-

---

6 Paul Singer; O ano da virada, Folha de São Paulo: 10 janeiro 1999, p 1-3.

7 Maria da Conceição Tavares; O Real morreu. Salvemos a nação!; Folha de São Paulo: 24 de janeiro 1999, p 2-6.

8 Folha de São Paulo, “Dekasseguis viram sem teto no Japão”, Dinheiro, p 2.1, 28 de junho de 1998.

9 Revista Made in Japan, Diga ao povo que fico, out/1997, p 32-34.

10 Schwartz, G.; O Brasil que sabe dizer sim: caminhos em direção ao Japão, p 24, 1991.



petir no mercado interno ou internacional. Desta forma nada melhor que empregar uma mão de obra migrante sem maiores custos sociais para a empresa como ausência de: previdência, estabilidade de emprego, seguro saúde, etc.

A própria contratação desses migrantes é feita via empreiteiras, as empresas não assumem nenhuma responsabilidade com o trabalhador. Este quadro pode ou não estar mudando em função das relações sociais estabelecidas entre chefe da empresa e operário migrante. As empreiteiras japonesas tem grande atuação no envio e na contratação dos brasileiros para trabalho no Japão, extraindo inclusive consideráveis lucros sobre estes migrantes, como por exemplo no preço do financiamento da passagem aérea. O que também vem acontecendo é que o brasileiro após já ter tido alguns anos de experiência no Japão, já não necessita mais ficar submetido totalmente aos interesses da empreiteira. As redes sociais de famílias brasileiras estabelecidas no Japão também podem estar dispensando os serviços de envio do dekassegui efetuado pelas empreiteiras japonesas, as redes passam a assumir o papel de incentivar e receber o migrante brasileiro.

### 3 O LUGAR NO IMAGINÁRIO DO MIGRANTE-DEKASSEGUI

*“Mais do que migrar de um lugar a outro, existe a transição de um tempo a outro. Migrar é mais do que ir e vir, é viver, em espaços geográficos diferentes, é ser duas pessoas ao mesmo tempo, é viver com o presente e sonhar com o ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo, sair quando está chegando, voltar quando está indo. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.”<sup>11</sup>*

Os lugares se comunicam entre si, o isolamento e a sensação de estar e não ao mesmo tempo, de viver e sonhar com um retorno incerto no trânsito de um lugar para outro, é perceber que não se está em lugar nenhum.<sup>12</sup>

O lugar guarda e revela uma idéia central à Geografia que Marx Sorre explicita através da definição de Geografia Humana enquanto análise da vida humana. O lugar é o produto das relações humanas, tecido por relações

---

11 José de Souza Martins apud Rosa Ester Rossini; À procura das origens: A migração temporária de trabalhadores do Brasil para o Japão, p 379, 1992.

12 Ítalo Calvino apud Ana Fani Alessandri Carlos; O lugar no/do mundo, 1996.

sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O indivíduo pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social. Cada indivíduo se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. A identidade homem-lugar através do plano do vivido se vincula ao conhecido-reconhecido.<sup>13</sup>

O dekassegui nasceu e viveu no Brasil, este é portanto o seu lugar de origem, o lugar da sua vida, onde estabeleceu suas relações sociais, onde se reconhece e é reconhecido. Mas este seu verdadeiro lugar passa agora a habitar o seu imaginário, o sonho de um retorno ainda não previsto. O Japão é seu novo lugar, o lugar receptor, o lugar de sua nova morada ainda indefinida. Anterior a migração, o descendente de japonês brasileiro considerava o Japão como o lugar de suas origens, uma vez que foi dos seus antepassados, onde costumes, regras e tradições foram preservados, mas no momento do contato com este lugar, os dekasseguis percebem que o seu verdadeiro lugar de origem é o Brasil. O Japão acaba se apresentando como um novo, diferente e por vezes hostil lugar se comparado a aquele referente aos dos seus antepassados, que havia sido cultivado em seu imaginário.

Sasaki (1998) questiona se o movimento dekassegui, é um movimento de ida ou de retorno dos descendentes de japoneses para a terra de seus ancestrais. Se é uma migração de ida ou retorno significa indagar sobre onde é o *homeland*<sup>14</sup> dos dekasseguis: Brasil ou Japão? Se pensarmos no Japão como sendo o seu *homeland* porque seus ancestrais são provenientes de lá, então, consideraremos essa migração como sendo de retorno, pois ligados pela raça e consangüinidade, filhos e netos desses migrantes estão retornando para o Japão, terra de onde seus ancestrais, na primeira metade deste século, emigraram para a América Latina.

Por outro lado, mesmo sendo descendentes, muitos deles nunca estiveram no Japão antes de partir como dekassegui. Se considerarmos que, para se ter um retorno, deveria haver antes uma partida pelos próprios migrantes, não poderíamos chamar tal fluxo migratório de retorno, mas de ida. Assim estamos considerando uma migração de retorno quando o migrante já foi pelo

---

13 Ana Fani Alessandri Carlos; O lugar no/do mundo, p 29-30, 1996.

14 O termo *homeland* é utilizado para designar a sociedade ou o lugar de origem, o verdadeiro "lar" do migrante.



menos uma vez para o Japão, como lugar de destino, trabalhar como dekassegui e retornou ao Brasil após esta experiência. Neste caso o *homeland* é o Brasil. É visível como o mito do retorno influencia a consciência do migrante. O dekassegui se sente à parte ou marginalizado no novo lugar receptor e a possibilidade ou o mito do retorno a seu lugar de origem ou seu “lar” faz com que ele se posicione, e seja posicionado pelos japoneses, como sendo um migrante estrangeiro, um brasileiro que tem um lugar, pelo menos no imaginário, no seu *homeland* chamado Brasil.<sup>15</sup>

Pode-se ainda pensar numa terceira possibilidade: de um duplo retorno nesta mesma migração, isto é, o dekassegui teria dois *homelands* como referência, que talvez perceba em momentos diferentes na experiência migratória. Num primeiro momento, antes de partir, o lugar de destino era pensado pelo dekassegui como a terra de seus ancestrais e, em algum lugar no seu imaginário, ele tem um sentimento de pertencimento em relação ao Japão, bem como a possibilidade do mito do retorno à sua origem étnica. Mas, num segundo momento, quando ele chega no Japão e, mesmo sendo um descendente de japonês, percebe-se como um estrangeiro num lugar estranho, neste caso o lugar de origem ou *homeland* é comprovadamente o Brasil. Conforme depoimento de uma dekassegui: “O Brasil já está dentro da gente, e o Japão é uma coisa nova.”<sup>16</sup>

Em princípio o Japão também pode ser visto pelo dekassegui como um lugar de passagem, onde o objetivo era o mesmo dos seus antepassados imigrantes japoneses, rápido enriquecimento e breve retorno a “terra natal”. A terra natal portanto como sendo o Brasil. Em seu apreciado romance “*The Heritage*”, Siegfried Lenz pergunta-se, se não deveríamos suprimir as conotações ruins da palavra “terra natal” (*homeland*) e, em troca, dar-lhe uma espécie de pureza? E assim ele formula sua resposta: “Para mim, a terra natal não é apenas o lugar onde nossos mortos estão enterrados; é o lugar onde temos nossas raízes, onde temos nosso lar, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que desejamos, no fundo do nosso coração, sermos sempre reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta.”<sup>17</sup>

---

15 Elisa Massae Sasaki; O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui, p 159-160, 1998.

16 Elisa Massae Sasaki; O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui, p 160-161, 1998.

17 Milton Santos; O Espaço do cidadão, p 63, 1987.



Assim o Japão, no primeiro contato com os dekasseguis se apresenta como um lugar estranho, podendo ser comparado com um não-lugar. Se o lugar não se define para o indivíduo como identitário, relacional e histórico, este é caracterizado como um não-lugar. Um lugar sem identidade, sem significado, onde o indivíduo não se reconhece e esta de passagem. Em muitos casos a figura do viajante pode ser comparada a situação em que se encontra o migrante. O viajante aparece para explicar o sentido de não-lugar, como aquele da passagem, da não-relação, da não identidade e da estadia temporária, nunca definitiva. Para Augé apud Carlos (1996) o não-lugar é um espaço onde nem a identidade, nem a relação, nem a história fazem sentido, onde a solidão é sentida como superação ou esvaziamento da individualidade. Calvino apud Carlos (1996) ao falar do viajante, assinala o fato que existiria um “lugar nenhum” que se referia à situação do viajante no percurso entre um lugar e outro, um migrante dividido entre um lugar e outro, que tem o sentimento do retorno, de uma vontade de recuperação do tempo e do lugar perdidos.<sup>18</sup>

No primeiro contato e objetivo do dekassegui o Japão pode então ser comparado como um lugar provisório, de passagem ou melhor como um não-lugar. O dekassegui não participou da produção, da história e da cultura deste lugar receptor, mesmo sendo um descendente de japonês, mas um descendente brasileiro. No lugar de origem o entorno era reconhecido, neste novo espaço ocorre um estranhamento, e o migrante não se reconhece.<sup>19</sup> Contudo podemos dizer que, através de sua presença e temporalidade de permanência, o dekassegui passa a fazer parte deste lugar, a estabelecer relações sociais, descobrindo e adaptando-se a ele. Assim pode o Japão tornar-se para este dekassegui-migrante um lugar na sua essência?

Segundo Milton Santos (1997) a temporalidade introjetada que acompanha o migrante se contrapõe à temporalidade que o lugar novo quer abrigar-se no indivíduo. Instala-se assim, um choque de orientações, obrigando-o a uma nova busca de interpretações. Lowenthal afirma que o passado é um outro país, ou melhor o passado é um outro lugar ou, ainda, o passado é num outro lugar. No lugar novo o passado não está, fica apenas no imaginário, obrigando o migrante a encarar o presente e o futuro, provocando perplexidade de primeiro, mas, em seguida necessidade de orientação.<sup>20</sup>

---

18 Ana Fani Alessandri Carlos; O lugar no/do mundo, p 110-111, 1996.

19 Oscar Handlin; The Uprooted, 1973.

20 Milton Santos; Técnica Espaço Tempo Globalização e meio técnico científico informacional, p 85, 1997.



Milton Santos (1987) ainda afirma que quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, a qual a história desconhece, a memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário. O entorno vivido é o lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual.

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também a cultura e lugar são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é que nos dá a consciência de pertencer a um grupo. É por isso que as migrações agridem o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar. A desterritorialização é freqüentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são, também, desculturização.<sup>21</sup>

Migrar para um novo lugar é certamente deixar atrás uma cultura herdada para se defrontar com uma outra. O fato de que, como homem, vive um permanente processo de mudança e de adaptação é que vai permitir aos recém-chegados participarem como ator, e não apenas passivamente, do seu novo quadro de vida, graças às novas incitações às suas capacidades e ao seu gênio criativo. A desculturização é perda, mas também doação. O novo meio opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo se manifesta dialeticamente como lugar novo e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente lugar e cultura e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida.<sup>22</sup>

De acordo com Alejandro Portes (1995) os lugares possuem obrigações sociais e os migrantes precisam adaptar-se a elas, mesmo assim eles continuam mantendo sua bagagem cultural do lugar de origem, acabam então ocultando suas ações e comportamentos de ameaças as regras e tradições do novo lugar. Contudo seu comportamento por mais resistente que seja será mo-

---

21 Milton Santos, *O Espaço do cidadão*, p 61, 1987.

22 Milton Santos, *O Espaço do cidadão*, p 62, 1987.

dificado.<sup>23</sup> Na verdade o migrante passa a se constituir num novo homem no novo lugar, preservando todavia sua sociabilidade antiga do seu antigo lugar.<sup>24</sup>

#### 4 A IDENTIDADE NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NO “NOVO” LUGAR

No Japão o dekassegui reafirma sua identidade de brasileiro, ao ser tratado como estrangeiro e ao perceber que é completamente diferente dos japoneses no comportamento, nos costumes, modo de se vestir, falar, agir e pensar, apesar de possuírem descendência japonesa e carregarem os mesmos traços físicos-étnicos. Ele é diferente e tem consciência desta diferença, e o seu cotidiano é muito mais estabelecido com os próprios brasileiros mesmo estando dentro da sociedade japonesa. “O contato direto com a cultura japonesa e a gente desta terra levou o encontro dos dekasseguis com a sua própria identidade. Para alguns a certeza de ser brasileiro, para outros o desejo de ser japonês.”<sup>25</sup> “No Japão sempre me senti brasileira, convivia com muitos brasileiros, o meu mundo no Japão era brasileiro, eu não era uma japonesa”<sup>26</sup> “No Brasil éramos tratados como japoneses, no Japão somos brasileiros. Não conseguimos falar o idioma, temos costumes e comportamentos de brasileiros. Acabamos fazendo da nossa casa no Japão um cantinho do Brasil.”<sup>27</sup> “No Japão eu era brasileiro, porque eu nasci no Brasil, tenho consciência disto. Mas sendo descendente de japonês, eu queria me aproximar ao máximo do padrão japonês. Só que eu percebi que isto era impossível.”<sup>28</sup>

O ser brasileiro vem à tona quando se tem uma relação de contraste, de diferença com o outro.<sup>29</sup> De acordo com Oliveira (1997) além da diferença

---

23 Alejandro Portes, *The economic sociology of immigration*, p 05, 1995.

24 Oscar Handlin; *The Uprooted*, 1973.

25 Regiane Sakihara; Os dekasseguis e a terra, *Caderno de Resumos do Simpósio Internacional- Migração: Nação, lugar e dinâmicas territoriais*, p 53, 1999.

26 Segundo depoimento da dekassegui Eliana, 21 anos registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, p 141, 1997.

27 Segundo depoimento do dekassegui Henrique, 37 anos, registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, p 141, 1997.

28 Segundo depoimento do dekassegui Tiago, 28 anos, registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, p 141, 1997.

29 Elisa Massae Sasaki; *O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui*, p 154, 1998.



da língua, os hábitos regrados dos japoneses sentidos pelos dekasseguis causam uma sensação de aprisionamento e o ritmo de trabalho imposto, altamente disciplinado, gera muito desconforto. Nos detalhes mais inusitados do cotidiano, permanece sempre a sensação de ser diferente, de estar num lugar estranho, pois os comportamentos culturais destas pessoas divergem substancialmente dos padrões japoneses. Nos aspectos mais básicos do cotidiano, seus hábitos são essencialmente brasileiros, fato que é facilmente notificado em contraste ao padrão japonês. Alimentação, vestuário, higiene do corpo, regras de disciplina, relacionamentos pessoais, hábitos. Em todos esses aspectos, o que se percebe é a marca da presença brasileira dentro da sociedade japonesa.<sup>30</sup> Uma preservação ou reafirmação do ser brasileiro trazido do lugar de origem dentro desse novo lugar.

No Japão qualquer fragmento de ilusão de ser japonês armazenado no imaginário do dekassegui é desfeito. Para alguns, isso pode não ser problemático, mas para outros emerge um sentimento repartido entre dois lugares, e ao mesmo tempo, em nenhum. Sabem que no Brasil não fazem e não se faziam parte do reconhecimento da nação brasileira, e foram desprezados pelo Japão, lugar que era tido como pertencente a si. É por isso que constrange ser chamado de “*gaijin*”<sup>31</sup>, por um instante acabam percebendo que são “*gaijins*” nos dois lugares. O Japão já não pode ser mais o repositório das expectativas que lhes foram ensinadas a vida inteira, principalmente pelas famílias.<sup>32</sup> Passam assim a reafirmar o seu autêntico lugar de origem, pois percebem que são verdadeiros brasileiros. Isso só foi possível através do confronto desses descendentes de japoneses brasileiros com o lugar chamado Japão, antes construído apenas no seu antigo imaginário.

No Japão após um primeiro estranhamento e uma adaptação nada fácil, o dekassegui passa a aos poucos por um processo de reconhecimento do novo lugar em que se encontra. Reafirma sua identidade de brasileiro e preserva no seu imaginário a intencionalidade de retorno ao seu lugar de origem, o Brasil. Podemos afirmar que num primeiro momento o dekassegui vislumbra

---

30 Adriana Capuano de Oliveira; Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, p 91, 1997.

31 Termo japonês designando o ser estrangeiro, estranho, não pertencente ao lugar. No Brasil os descendentes de japoneses costumavam chamar de “*gaijins*” em tom discriminatório aqueles que não fossem descendentes. Esse comportamento revela uma postura de não se considerar brasileiro, mas sim japonês dentro do Brasil. Contudo no Japão, são esses mesmos descendentes de japoneses brasileiros que são chamados de “*gaijins*” pelos japoneses.

32 Adriana Capuano de Oliveira; Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, p 135, 1997.

uma rápida estadia no Japão, seu objetivo é economizar e aplicar o dinheiro ganho no Brasil, na compra de um imóvel, um automóvel e abrir um negócio. A casa, sonho de muitos dekasseguis que partiram era o sinônimo de segurança, o automóvel necessidade e porque não status em forma da concretização do seu sucesso, e o negócio lhe possibilitaria levar a sua vida em definitivo no seu lugar de origem.

Todavia com o passar dos anos de trabalho no Japão, o dekassegui, não vê uma melhora dos aspectos político - econômicos do seu país de origem. A crise brasileira se agrava, os problemas sociais continuam sem solução e o desemprego, a má distribuição de renda, a corrupção e a violência refletem a imagem de uma situação brasileira problemática. Alguns conseguem sua tão sonhada casa própria e seu automóvel; diante da crise, os negócios muitas vezes não progridem, decepcionando o dekassegui. Muitos não conseguem mais se inserir na sociedade brasileira. Esses dekasseguis acabam vindo apenas a passeio mantendo ainda a intencionalidade do retorno em definitivo para o Brasil, na esperança de encontrar aquele seu lugar idealizado no imaginário enquanto trabalhavam arduamente no Japão, mas chegando aqui se defrontam com uma realidade nada animadora, desta forma arrumam as malas novamente e partem mais uma vez para o Japão. Agora, não mais se defrontando com um lugar novo e estranho, reconhecido apenas no seu imaginário, mas para um lugar já reconhecido na sua realidade vivida.

De acordo com Oliveira (1997) os dekasseguis participam de um vínculo muito forte com o Brasil enquanto estão no Japão, sendo que é lá que eles evidenciam o quanto são brasileiros, e o quanto estão ligados ao seu lugar de origem. Descobrem-se não japoneses e reafirmam-se brasileiros quotidianamente, nas mais variadas formas de expressões culturais. Assim, o dekassegui que esta no Japão visualiza acima de tudo, o seu retorno pródigo ao Brasil, a esperança de uma ascensão social no país, graças ao dinheiro arrecadado no Japão, e o retorno a um estilo de vida tranquilo e amigável. Por isso mesmo, dedica-se a longas horas extras de jornada de trabalho, excessivamente pesadas, pois é com o acúmulo de horas extras que sua poupança pode aumentar, e o retorno ao Brasil se fazer mais rápido. Ao mesmo tempo, como o objetivo de economia em tempo mínimo é alvo a ser alcançado, pois o retorno é a meta, estes privam-se dos bens de consumo além do estritamente básico, sendo que o lazer é praticamente suprimido de seus esquemas.<sup>33</sup>

---

33 Adriana Capuano de Oliveira; Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, p 137-138, 1997.



No início muitos viviam para trabalhar e fazer poupança no Japão, tendo em mente o rápido retorno ao Brasil. Viviam em função do trabalho, seu cotidiano poderia se resumir do trabalho a casa, da casa ao trabalho. Alguns ainda persistem com esta rotina, e o Japão é vivido muito mais como um lugar do trabalho e da poupança, e no imaginário nutrem o breve retorno em definitivo para o Brasil. Alguns, após estes anos de economias no lugar do trabalho, voltaram em definitivo ao Brasil. Outros, no entanto continuam efetivando idas e vindas entre Brasil e Japão, não estando agora mais preocupados com o breve retorno em definitivo ao seu lugar de origem, passaram a viver mais intensamente o espaço japonês, trabalhando, ganhando, mas não mais poupando, mas sim, gastando seu dinheiro no próprio Japão, vivendo muito mais a sua vida nesse lugar. Parecem não terem mais objetivos a serem perseguidos com tanta obstinação como antes, os objetivos parecem terem se diluídos com o passar dos anos vividos no Japão e da realidade percebida do seu país de origem. Vivem o tempo e o espaço presente na sua totalidade, com fragmentos de um tempo e um espaço do passado no seu imaginário.

Segundo uma entrevistada de Oliveira (1997) o retorno ao Japão muitas vezes é até mesmo um pretexto para não se fixar em lugar algum, e não ter que decidir sua vida. A idéia do Brasil como pátria para onde todos querem voltar um dia é resgatada a todo momento. Ninguém pensa em fazer do Japão a sua pátria. Entretanto, são comuns as queixas em relação às dificuldades enfrentadas no momento de readaptação ao Brasil, momento este que foi tão sonhado e almejado. Muitos afirmam que sua readaptação ao Brasil foi ainda mais difícil do que sua adaptação ao Japão. Na verdade alguns aspectos da sociedade brasileira não são mais tão facilmente tolerados. É sempre atribuída a dificuldade de readaptação ao Brasil a alguns fatores estritamente vinculados à falta de cidadania no cotidiano brasileiro.

Todos falam sobre a questão da segurança no Japão, em contraponto com o medo e a insegurança no Brasil. A grande maioria se refere ao respeito dos japoneses como algo muito positivo e que “dá saudade”, pois aqui no Brasil este respeito está ausente. Respeito dos ônibus, que cumprem os horários estipulados para passarem; respeito dos vendedores, que te tratam bem nas lojas; respeito dos carros, que não atropelam quando se atravessa a rua; respeito dos moradores, que jogam o lixo no lixo e deixam a cidade sempre limpa. Este tipo de respeito, que facilita deveras o convívio social, é sempre

apontado como a grande dificuldade de se readaptarem ao Brasil, além da dificuldade em aceitar trabalhos com remunerações tão baixas.<sup>34</sup>

Oliveira (1997) ainda explica que, como boa parte desses dekasseguis passaram anos no Japão, a recolocação no mercado de trabalho brasileiro fica difícil. Retornam ao Brasil com anos “vazios” de carteira assinada, sem experiência na área que pretendem se inserir. Quando conseguem trabalho, os salários que lhes são oferecidos geralmente são baixos se comparados ao que ganhavam no Japão, por volta de US\$ 3.000,00, assim tal realidade brasileira é muito difícil de se aceitar. Muitos também se decepcionam pois, após terem trabalhado arduamente por uma poupança suficiente para um investimento aqui no Brasil, ao inaugurar algum negócio próprio, se vêem cercados de dificuldades e problemas, muitos acabam falindo e a opção é novamente o retorno ao Japão.

A difícil readaptação ao Brasil acaba provocando muitas idas e vindas ao Japão. Embora todos queiram morar em definitivo no Brasil, é muito difícil ter que voltar a conviver num lugar onde os direitos básicos de cidadania não estão implantados. Ao se defrontarem com uma sociedade onde é possível ser cidadão, mesmo com toda a discriminação pelo fato de serem imigrantes, retornar a um contexto onde não são garantidos alguns dos direitos básicos, pode ser muitas vezes problemático. Reconhecer que o Brasil não lhes oferece as condições sociais adequadas, mesmo para eles que estão retornando com mais dinheiro, é motivo de muita decepção. Mesmo sendo eles dekasseguis, imigrantes, operários, no Japão poderiam comprar tudo que quisessem, se quisessem. O motivo de não comprarem era a economia para o retorno, mas se quisessem, poderiam comprar tudo quanto lhes desse desejo.<sup>35</sup> No Japão o dekassegui estando empregado, seu salário recebido, permite a sua participação satisfatória enquanto consumidor na sociedade capitalista japonesa, fato que o Brasil, apesar de ser o seu lugar de origem, não lhe permite ou melhor permite uma participação limitada enquanto consumidor. Todos sabemos que nas sociedades capitalistas só tem direito de ser consumidor ou mesmo “cidadão” aqueles que tem dinheiro, proveniente seja de que forma for.

Os dekasseguis também percebem que o acesso a certos bens que no Brasil são considerados “privilégios”, e que no lugar receptor descobrem que são situações normais do cotidiano. Quando o dekassegui se permite desfrutar

---

34 Adriana Capuano de Oliveira; Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, p 141-143, 1997.

35 Adriana Capuano de Oliveira; Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, p 144-145, 1997.



da vida, o que vem acontecendo cada vez mais, dadas as condições em que se encontra a sua terra natal, ele se dá conta de que certos “privilégios” brasileiros que ficam restritos basicamente às classes mais altas, no Japão são bens que ele pode alcançar. Contudo muitos reafirmam suas opções pelo Brasil, argumentam que se no Brasil houvesse dinheiro, e conseqüentemente, respeito, aqui seria o “paraíso”.<sup>36</sup>

Segundo Sasaki (1998) a partir do momento que o Brasil é considerado o *homeland* ou melhor verdadeiro lugar de origem dos dekasseguis, muitas vezes a volta é relatada como sendo mais difícil do que a adaptação no Japão, isto é, o restabelecimento ou readaptação no Brasil nem sempre é tão fácil quanto se imaginava. Muitas vezes a dificuldade em se readaptar no Brasil está relacionada à dificuldade de se inserir novamente no mercado de trabalho e na própria sociedade. Muitas vezes, a estadia no Japão é entendida como temporária, não só pelos japoneses, mas pelos próprios dekasseguis, sempre tendo um retorno ao Brasil previsto nos planos. Mas quando os dekasseguis voltam, o Brasil não está exatamente como haviam imaginado enquanto suavam no Japão. É como se tivessem congelado a imagem do Brasil na hora de partir para o Japão e depois a idealizassem e a mitificassem. E chegando ao seu lugar de origem, mas uma vez a realidade nem sempre corresponde à expectativa do dekassegui.<sup>37</sup>

A principal razão para não haver correspondência a essa expectativa parece ser, contudo, a própria vivência da experiência migratória, através da qual o dekassegui traz em sua bagagem novos valores, que acabam se confrontando com os valores que até então lhe eram “familiares”. Por exemplo, recorrentemente é citada a questão da violência e da segurança ao serem comparados os dois lugares. Antes de partir, o indivíduo sabe que no Brasil há violência, insegurança constante, mas o modo como ele lidava essa questão muda depois da experiência no Japão, pois naquele país, o sistema de segurança, a cultura e a estrutura da sociedade permitem que ele não se preocupe tanto com a segurança como era habitual no Brasil. Depois da experiência como dekassegui, ocorre um contraste de percepção: é como se os aspectos “familiares” se ressaltassem mais aos olhos, tornando este familiar em “exótico”. E o que era “exótico” passa a ser “familiar” no entender do dekassegui. Esse mecanismo de contraste e de tornar o aspecto “familiar” em “exótico”, e vice-

---

36 Adriana Capuano de Oliveira; Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, p 146-147, 1997.

37 Elisa Massae Sasaki; O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui, p 162-165, 1998.



versa, talvez faça parte de uma lógica maior da identidade<sup>38</sup> ou de um processo de identificação com o novo lugar e estranhamento do antigo lugar.

*“Não pretendo voltar para o Brasil tão cedo, pretendo abrir um negócio no Japão, e lá permanecer, não sei por quanto tempo. Neste momento minha intenção é morar no Japão. Não tenho mais vontade de morar no Brasil. Além deste país não ter emprego, ficando muito tempo em outro país, a gente passa a valorizar e se identificar com outro modo de vida. No Japão a lei funciona, as pessoas te respeitam, todos cooperam, você se acostuma e vê que tudo lá dá certo. Aprendi a conviver desta forma, me adaptei a esta sociedade. No Brasil tudo é muito errado, nada funciona. Porque vou ficar aqui. Eu não quero mais ficar aqui. Não que eu não goste do Brasil, eu adoro este país e sempre serei brasileira. Passando cinco anos no Japão, posso me naturalizar japonesa, mas eu não quero. Quero continuar sendo brasileira, porque eu sou brasileira, mas prefiro morar no Japão. O meu país não me oferece melhores oportunidades. Adoro a convivência, o ambiente de vida do Japão, e isso não me deixa voltar para cá, não consigo mais me acostumar nesse meu país.”<sup>39</sup>*

## 5 O CONFRONTO DOS LUGARES

O confronto dos lugares no imaginário do dekassegui, bem como a sua realidade vivida e percebida vem promovendo um processo de identificação e/ou adaptação com o novo lugar ao mesmo tempo uma reafirmação e estranhamento do antigo lugar. A partir disto podemos inferir as seguintes observações:

- a) O dekassegui ao adaptar-se ao novo lugar: Japão, vivendo nele passa a aceita-lo e aprecia-lo. Identifica-se com esse lugar, se distanciando da intencionalidade de retorno ao Brasil, lugar de origem.

---

38 Elisa Massae Sasaki; O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui, p 165-166, 1998.

39 Segundo depoimento da dekassegui Aline, 25 anos, registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 139.



- b) O dekassegui não se adapta ao novo lugar, repudia esta sociedade japonesa. Mas submete-se a esse lugar em função do dinheiro e da ausência de perspectivas no seu lugar de origem. O brasileiro não se identifica com a sociedade japonesa. Sua intencionalidade de retorno esta presente a todo momento no seu imaginário.
- c) O dekassegui passa a aceitar e a adaptar-se ao novo lugar face a realidade em que se encontra o seu lugar de origem. Preserva ainda a intencionalidade de retorno, mas percebe que a sociedade japonesa oferece-lhe melhores condições de vida, nunca conseguidas no seu país. Como é tratado como um estrangeiro, toma consciência disto e passa a reafirmar e mesmo a reproduzir o seu lugar de origem, o Brasil, dentro da própria sociedade japonesa.

Nesse sentido lançamos as seguintes indagações: Como se encontra a redefinição das expectativas temporais<sup>40</sup> do dekassegui no Japão, diante das realidades vividas e percebidas dos lugares Japão e Brasil? É de interesse do Estado Japonês a permanência desse dekassegui em seu território? Até quando o dekassegui viverá idas e vindas entre Japão e Brasil? Até quando o dekassegui permanecerá dividido, confrontando os lugares no seu imaginário? Terá realmente o dekassegui conquistado de vez o seu lugar na sociedade japonesa?

Em seu estudo sobre os migrantes brasileiros nos Estados Unidos, Teresa Sales (1999) afirma que o retorno e a volta ao mesmo percurso migratório funcionam para o imigrante como momentos de redefinição de sua vida e igualmente de sua identidade étnica. A volta novamente ao lugar receptor depois de um retorno ao Brasil parece ser o momento em que se dá uma redefinição da expectativa temporal da migração diante da decepção em que se encontra a realidade do seu lugar de origem. A redefinição temporal resulta pois em um novo projeto, no qual o migrante começa a encarar a perspectiva de lá permanecer por um tempo mais longo de sua vida. Esse projeto não exclui a possibilidade da volta ao seu lugar de origem, mas joga-a para um futuro mais distante.<sup>41</sup> Os dekasseguis na verdade vem reproduzindo um lugar brasileiro dentro da sociedade japonesa, um lugar de encontro, de identidade e de consumo. Apesar de todas as dificuldades iniciais, problemas e nostalgias o Brasil já esta dentro do Japão.

---

40 Conceito discutido por Teresa Sales no Capítulo III- Redefinindo expectativas temporais, p 129, em *Brasileiros longe de casa*, 1999.

41 Teresa Sales; *Brasileiros longe de casa*, p 130-132, 1999.

*“No primeiro ano que fui para o Japão não tinha nada de produtos brasileiros. Nestes últimos anos a vida no Japão está mais fácil. Abriram muitos restaurantes, lojas brasileiras e mesmo em supermercados já se encontram variados produtos brasileiros. As vezes passa um caminhão vendendo produtos brasileiros, como comida, roupa, fitas, etc.”<sup>42</sup> “Algumas cidades japonesas se apresentam muito abrazeiradas, nos finais de semana é comum os brasileiros se reunirem para jogar futebol. Em Nagóia pode ser encontrado danceterias que atendem ao público brasileiro. Na cidade onde moro, temos acesso a piscina municipal, é aberta tanto para japoneses e brasileiros, basta pagar uma pequena taxa. Açougues, lojas de produtos, revistas, jornais para brasileiros e a última novidade introduzida no Japão é a transmissão via satélite da Globo, SBT e Cultura, basta fazer a assinatura e se tem a televisão brasileira em casa. Em algumas cidades, como Shizuoka, por exemplo tem muitos brasileiros, muitas lojas com produtos brasileiros e muitas filiais de lojas brasileiras estão se expandindo pelo Japão. O Japão esta ficando bem abrazeirado, e muitos não se preocupam em aprender o japonês, pois acabam se sentindo em casa.”<sup>43</sup> Na cidade de Toyota existe uma escola com professores brasileiros para dar aula aos filhos dos dekassegui. No hospital de Komaki já tinha uma brasileira trabalhando para melhor atender os brasileiros, mas mesmo que alguns hospitais ou outros locais não tenham ainda interprete, os japoneses que trabalham nestes locais, já estão acostumados com a presença brasileira e fazem de tudo para os entender.”<sup>44</sup>*

---

42 Segundo depoimento da dekassegui Satiko, 26 anos registrado na pesquisa - O Fenômeno Dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 141.

43 Segundo depoimento do dekassegui Henrique, 37 anos registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 141.

44 Segundo depoimento da dekassegui Eliana, 21 anos registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 142.



Podemos também inferir que os seguintes fatores colocam em confronto os lugares (Brasil e Japão) no imaginário do dekassegui, determinando o ato de migrar, de permanecer ou retornar. Fatores que muitas vezes são capazes de suplantam a distância e a ausência do lugar de origem. São eles:

- a) a possibilidade da migração abre uma nova expectativa de vida ou da realização do sonho ou do desejo sem o qual ninguém migra: o sonho da casa própria, o sonho de ganhar dinheiro, de abrir um negócio, de comprar um carro, o sonho de conhecer outro país, o sonho de poder mudar de vida ou ter uma nova experiência.
- b) a possibilidade de ganhar dinheiro em maior volume se comparado ao lugar de origem, o dekassegui não migra por causa do trabalho. O trabalho é o meio que ele tem que enfrentar nem sempre agradável para ganhar o dinheiro;
- c) consumo e “condições de cidadania”: o dinheiro ganhado nos trabalhos efetuados no Japão, não possibilita ao dekassegui uma mobilidade social na sociedade japonesa, uma vez que existem nichos específicos de empregos a estes migrantes, mas por outro lado possibilita a participação do consumo na sociedade capitalista e dos direitos básicos como moradia, saúde, educação, segurança e lazer que podem ser comprados neste novo lugar;
- d) a possibilidade de mudar de vida, de conhecer outro país, o novo e o diferente, de sair dos limites e da rotina impostas pelo lugar de origem, e acenadas pelo lugar receptor. Muitas vezes o dekassegui não volta ao Brasil, por não querer voltar a sua vida limitada de antes;
- e) as redes sociais e um lugar brasileiro já produzido dentro da sociedade japonesa que vem a facilitar a ida e a permanência do dekassegui;
- f) a própria capacidade de adaptação do homem ao novo meio e de permanecer distante, esquecendo-se do antigo meio.

De acordo com Brito (1996) é preciso considerar também que os modernos sistemas de telecomunicações fazem com que as informações circulem numa grande velocidade e cheguem a milhões de domicílios em diferentes países. Estas informações trazem consigo normas e valores que interna-

cionalizam-se, possibilitando a diferentes povos a redefinição de padrões e aspirações de comportamento. Portanto, a construção de um imaginário sobre a realidade do seu e de outros países. Deste imaginário, fruto da internacionalização de processos sociais, é que cada migrante internacional potencial cria a sua ilusão migratória, sem a qual ninguém migra a longa distância, principalmente entre países.<sup>45</sup>

O dekassegui descobre também que no lugar hostil mas receptor a ele, através do árduo trabalho adquire o direito de participar enquanto consumidor da sociedade capitalista japonesa. Santos (1987) afirma que quando se confundem cidadão e consumidor, o trabalho, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem muito mais como conquistas pessoais e não como direitos sociais. Já que não encontram acessibilidade na sua totalidade a esses direitos no lugar de origem, migram para conquista-los em um outro lugar.<sup>46</sup> A discriminação, as explorações no trabalho, a ausência da família, do lugar de suas origens entram em confronto para alguns dekasseguis com a possibilidade do ganhar dinheiro, conseqüentemente do consumo e das condições compradas da cidadania, e da própria organização da sociedade deste novo lugar receptor. Um confronto que pode ser superado ou atenuado quando em definitivo o retorno a esses migrantes no Japão for imposto pelo mercado e/ou Estado Japonês, hipótese muito incerta, ou quando o seu verdadeiro lugar de origem é esquecido, ou reafirmado e recriado pelo migrante no “novo” lugar.

*“Me desloquei para o Japão somente para ganhar dinheiro, o lugar para se viver em definitivo é o Brasil, a minha verdadeira terra natal.”<sup>47</sup> “No Japão se vive bem, não tem necessidade de nada, tudo o que você quer se consegue, tudo é fácil. O custo de vida é alto, mais o salário é maior ainda, então compensa. Aqui no Brasil você trabalha, tem que economizar, o custo de vida é alto, e o salário é baixo. Mas eu pretendo morar em definitivo no Brasil, afinal de contas ele é o meu país.”<sup>48</sup> “Gosto muito*

---

45 Fausto Brito; Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo, p 63, 1996.

46 Milton Santos; O Espaço do cidadão, p 127, 1987.

47 Segundo depoimento do dekassegui Renato, 33 anos registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 139.

48 Segundo depoimento da dekassegui Marisa, 20 anos, registrado na pesquisa - O Fenômeno dekassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 139.



*do Brasil, por causa do calor humano, do clima, da comida, e este é o lugar da minha família. Também gosto do sistema japonês, tudo no Japão é muito limpo e organizado. Adoro organização. Os japoneses são muito honestos. Mas eu adoro o Brasil, pois tudo aqui é mais livre, nada é muito definido, não tem horário para nada. Ao mesmo tempo odeio o Brasil porque tudo é muito desorganizado, o pessoal não respeita nada. Eu fico muito dividida entre Brasil e Japão.*"<sup>49</sup>

---

49 Segundo depoimento da dekasegui Satiko, 26 anos, registrado na pesquisa - O Fenômeno dekasegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, 1997, p 139.

## 6 BIBLIOGRAFIA

- ASARI, A. Y; “...E eu só queria voltar ao Japão (colonos japoneses em Assai)”, Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1992, 204 p.
- BRITO, F.; Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo, Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo, N. L. Patarra (coord), Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil, v 1, 2ª edição, Campinas, junho 1996, p 53-66.
- CARLOS, A. F. A.; O lugar no/do mundo, Editora Hucitec, São Paulo 1996, 150 p.
- FERREIRA, R. H.; O Fenômeno de kassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga, Trabalho de Graduação, UNESP- Rio Claro 1997, 161 p.
- FOLHA DE SÃO PAULO; Dekasseguis viram sem teto no Japão, Folha Di-nheiro, 2º caderno, 28 de junho 1998, São Paulo, p 2.1, 2.6 e 2.7.
- HANDLIN, O.; The uprooted, Second Edition Enlarged, An Atlantic Monthly Press Book, Little, Brown and Company- Boston-Toronto, USA, 1973, 333p.
- NOGUEIRA, A. R.; Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1ª edição, 28 fev. 1984, São Paulo, 190p.
- OLIVEIRA, A. C de; Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, Campinas 1997, 198 p.
- PORTES, A.; Economic sociology and the sociology of immigration: A conceptual overview, In: The economic sociology of immigration Essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship, A. Portes (editor), Russel Sage Foundation, New York 1995, p 01-41.
- REVISTA MADE IN JAPAN; Diga ao povo que fico, n 2, ano 1, out/97, p 32-34.



- ROSSINI, R. E.; À procura das origens: A migração temporária de trabalhadores do Brasil para o Japão, Anais XI Encontro Nacional de Geografia Agrária, UEM, Maringá- PR, 11-14 dezembro de 1992, p 379-388.
- SALES, T.; Brasileiros longe de casa, Editora Cortez, São Paulo 1999, 232 p.
- SANTOS, M.; Metamorfoses do espaço habitado, Editora Hucitec, 4ª edição, São Paulo 1996.
- . O Espaço do cidadão, Nobel, São Paulo 1987, 142 p.
- . Técnica Espaço Tempo Globalização e meio técnico científico, Editora Hucitec, 3ª edição, São Paulo 1997, 190 p.
- SASAKI, E. M.; O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento de kassegui, Dissertação de Mestrado, IFCH/ UNICAMP, Campinas 1998, 219 p.
- SCHWARTZ, G.; O Brasil que sabe dizer sim: caminhos em direção ao Japão, São Paulo em Perspectiva, Fundação SEADE, v 5, n 3, jul/set 1991, São Paulo, p 21-25.
- SIMPÓSIO INTERNACIONAL- Migração: Nação, lugar e dinâmicas territoriais, Caderno de Resumos, FFLCH/USP, São Paulo 1999, 72 p.
- SINGER, P.; O ano da virada, Folha de São Paulo, Opinião, São Paulo: 10 janeiro de 1999, p 1-3.
- TAVARES, M. da C.; O Real morreu. Salvemos a nação!, Folha de São Paulo, Dinheiro, Lições Conterrâneas; São Paulo: 24 janeiro 1999, p 2-6.